





# O livro horripilante de Zé do Caixão



Ilustrações  
Laurent Cardon



Copyright © 2008 José Mojica Marins

Supervisão editorial **Marcelo Duarte**

Assistente editorial **Tatiana Fulas**

Projeto gráfico e diagramação **Ana Miadaira**

Preparação **Juliana de Faria**

Revisão **Ana Maria Barbosa**

**Rodrigo Ennes da Cunha**

CIP - BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Z47h

Zé, do Caixão, O livro horripilante de Zé do Caixão / Zé do Caixão. - 1.ed. - São Paulo: Panda Books, 2008.

1. História de terror infanto-juvenil. 2. Literatura infanto-juvenil. I. Título.

07-2395.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

---

2008

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 - 05413-000 - São Paulo - SP

Tel.: (11) 3088-8444 - Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

**Dedico este livro a todos os amigos e  
familiares que me deram inspiração  
para que esta obra fosse realizada**

# SUMÁRIO

✿ 7 ✿

Jotinha, o medonho

✱ 13 ✱

Rafaela e o bolo floresta negra

{ 20 }

O preconceito de Aninha

☾ 25 ☽

As mentiras de Raquel

✧ 31 ✧

A viagem de Juquinha

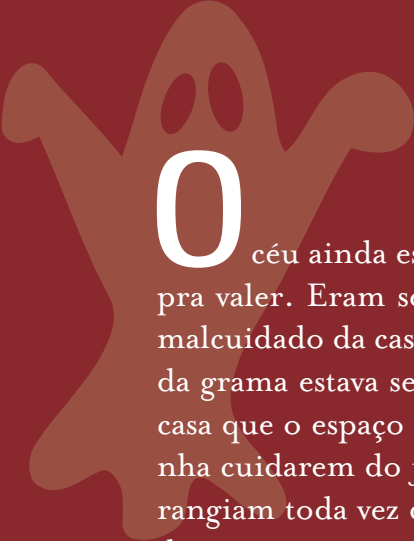
⚡ 37 ⚡

As maldades de Arturzinho

🌳 41 🌳

O anjo da guarda de Betinho

# Jotinha, o medonho



O céu ainda estava escuro, mas o relógio mostrava que o dia havia amanhecido pra valer. Eram seis horas da manhã e uma chuva fina caía, molhando o jardim malcuidado da casa de João, o Jotinha, filho único do casal Peçanha. Grande parte da grama estava seca, e as flores, mortas. Não era por preguiça dos moradores da casa que o espaço se encontrava desse jeito. Era dinheiro que faltava para os Peçanha cuidarem do jardim. Assim como para arrumar as dobradiças das portas, que rangiam toda vez que alguém as abria ou fechava, e trocar as lâmpadas dos cômodos, que insistiam em piscar logo que eram acesas.

Pois é, Jotinha não sentia nenhum orgulho de onde morava. O ar de filme de terror da casa já seria motivo suficiente para que ele fosse alvo de gozação entre os colegas. “Mas é claro”, pensava, “as coisas conseguem ser ainda piores para mim.”

– Vamos, Jotinha, já é hora de ir para escola – chamou sua mãe.

– Eu tenho mesmo que ir? – perguntou o garoto, mal-humorado.

Toda manhã era a mesma coisa. Jotinha relutava em sair de debaixo dos cobertores. Ir para o colégio era uma tortura. Não pela matemática, nem pelas provas. Simplesmente pelo fato de que o garoto, no alto de seus dez anos, teria que deixar seu quarto e encarar as pessoas. E o pior, ser encarado. Por causa de uma doença nos ossos, Jotinha cresceu com o corpo deformado. Andar era difícil, pois sua coluna ficou arqueada, tal qual a do personagem Corcunda de Notre-Dame. Além disso, suas mãos, de vez em quando, tremiam como vara verde. Sua mãe, procurando disfarçar a aparência do filho, costurou uma capa preta. “Assim vamos realçar seu belo rosto”, dizia. Mas de nada adiantou. Ninguém reparava nos brilhantes cabelos castanhos cheios de cachos do garoto. Muito menos em seus profundos olhos azuis. Todos se chocavam com aquele corpo desfigurado e estranho.

Na escola, o apelidaram de “Jotinha, o Monstro”. As crianças mais malvadas atiravam lixo no menino aonde quer que ele fosse. Levi era o pior de todos. Assumindo o papel de líder, ele instigava os colegas pequenos a maltratarem Jotinha a todo instante.

– Seu monstro horrendo! Deveria ficar escondido dentro da sua casa de terror! – Levi costumava gritar, enquanto orientava seus amiguinhos a grudar chiclete mascado na capa de Jotinha.

“Bem que eu gostaria”, pensava Jotinha. Sozinho, ele não tinha coragem de revidar, mas alimentava internamente muita raiva e tristeza. Dominado por tais sentimentos ruins, o menino afastava até mesmo quem buscasse uma amizade verdadeira.

– Oi, Jotinha! – cumprimentou Mabel, uma de suas colegas de classe.

– O que você quer?!? – respondeu o garoto, com grosseria.

– Eu só queria saber se você precisa de ajuda com a lição de casa e...

– ME DEIXA EM PAZ!!!

Jotinha tentou correr para longe. Irritado e com muita dificuldade de mover as pernas, ele pensou: “Que falsa! Como eu odeio as pessoas!”. Para esquecer das angustiantes horas escolares, antes de voltar para casa, o menino costumava perambular pelos cantos mais vazios de seu bairro, sozinho, para pensar na vida. Um dos lugares que costumava visitar era um ferro-velho. Simpatizava com o horripilante terreno, cheio de pó, sujeira e materiais dispensados pelos moradores da região. “Eu sou como vocês”, dizia Jotinha para os restos que ali ficavam. “Ninguém gosta de mim.”

Nesse dia, particularmente, o lugar estava assustador. Entre pedaços de madeiras, lataria velha de carros, sofás rasgados e pneus, havia manequins quebrados das lojas de roupas das proximidades. Pareciam corpos de pessoas mortas jogadas pelo chão. Jotinha sentiu um arrepio de medo e se aproximou para conferir os bonecos. Os passos eram dados com dificuldade – tanto pela doença dos ossos, como pelo receio de chegar perto – e suas mãos tremiam mais do que nunca. Um dos manequins estava virado para o chão, todo cheio de lama, por causa da chuva da manhã. Jotinha, já ali próximo, estendeu os braços para virá-lo quando... BUUUM!!! O gerente do ferro-velho abriu o portão com força.

– AHHHHHHHHHHHHHHHHHHH! – Jotinha gritou.

Quando o homem ouviu o berro, sentiu um calafrio. Ele achava que estava sozinho.

– Quem é você? O que está fazendo por aqui? – perguntou o gerente, assustado com a presença e a forma física do pequeno visitante.

– Eu... eu... eu... eu estava visitando...

– Não deveria vir aqui! Não sabia que é um lugar mal-assombrado, cheio de fantasmas??? – afirmou o gerente, talvez inventando coisas para evitar futuras visitas de crianças, já que ele batia ponto no ferro-velho apenas uma vez por semana. – Vá embora daqui! VAI, CORRA, OU NÃO SOBREVIVERÁ!

Com o coração disparado, Jotinha voltou para casa. Apesar do desespero, ele teve uma idéia brilhante de vingança. “Todos vocês que me humilharam que me aguardem...”, pensou.

No dia seguinte, na escola, durante mais uma cena de chacotas proporcionada por Levi, Jotinha falou com o inimigo pela primeira vez:





- Você se diz tão corajoso... Queria saber mesmo do que é capaz...
- Do que você está falando???
- perguntou Levi.
- O bairro tem um ferro-velho mal-assombrado. Eu conheço o lugar, mas nunca te vi por lá – provocou Jotinha.

Levi nem respondeu. Ficou quieto e com cara de bobo. Seus amiguinhos ao redor começaram a questioná-lo: “Você nunca foi lá?”, “Tem medo de um ferro-velho?”, “Levi, temos que conhecer este lugar!”. Instigado pela turma, Levi ordenou:

- Preparem-se todos! Hoje, no final da tarde, vamos juntos conhecer esse tal de ferro-velho! E você – apontou para Jotinha – vai calar sua boca quando finalmente entender quem é que manda aqui! Eu sou o mais corajoso desta escola e nenhum monstrinho vai me falar o contrário.

Jotinha sorriu com crueldade. “Levi, você vai me pagar!”, pensou. Em casa, o garoto arquitetou um plano para provar que seu rival era covarde. Pegou uma lanterna e um antigo gravador de seu pai e gravou sons assustadores de gritos desesperados simulados por ele mesmo. “Uaaaahuuuuu! Buuuuuuuuu! Ahhhhhhhhh!”

Determinado, Jotinha chegou mais cedo ao ferro-velho e preparou o terreno para receber os colegas. Escondido atrás de um sofá antigo, ele pôde ver Levi chegando com vários amiguinhos, entre eles a doce Mabel. Ela não ia muito com a cara de Levi, mas sua curiosidade a fez seguir o grupo.

